

O New Deal adiado

11 OUT 1999

E possível livrar-se do capitalismo de Estado, ineficiente, mau padrão, paternalista e gerador de uma estatocracia que prospera à custa das benesses públicas, e abruptamente passar para o modelo neoliberal preconizado pelo "receituário" ortodoxo do FMI? A resposta é não, no caso de países emergentes. Esse é o dilema do Brasil de hoje.

Brilhante no diagnóstico da conjuntura, quando se candidatou, pela primeira vez, em 1994, — "é preciso acabar com a era Vargas" —, mas incapaz até agora de, nas próprias palavras, "reformular o Estado", o presidente Fernando Henrique Cardoso distancia-se cada vez mais do perfil com que o eleitorado o elegeu: o de um desenvolvimentista no estilo Juscelino, mais moderno e com idéias keynesianas.

Esperava-se, para o segundo mandato de FHC, a chamada reforma do Estado, tirando-o do papel de mau provedor de quase

economia - Brasil

Miguel Ignatios *

tudo para transformá-lo em agente indutor do desenvolvimento, numa espécie de atualização do New Deal (período compreendido entre 1930 e 1945), idealizado pelo presidente Roosevelt, dos Estados Unidos.

Infelizmente, porém, pouco disso ocorreu. E FHC e sua equipe ainda não conseguiram nem ao menos acabar com as mordomias dos altos escalões do funcionalismo público, que vêm sendo defendidas por um corporativismo feroz.

Dessa forma, caso as coisas não mudem de rumo, os brasileiros terão de, mais uma vez,

ver adiado o sonho de ter no mais alto cargo da República um Roosevelt latino, assessorado por um Keynes francês mais ou menos no estilo do primeiro-ministro socialista Lionel Jospin.



Prever, hoje, se nos mais de três anos que ainda faltam para encerrar seu segundo mandato FHC assumirá tal perfil é tarefa difícil. A falta de coesão dos partidos que formam a base de sustentação do governo e as dificuldades para cortar os gastos públicos, reduzindo com isso o tamanho do atual Estado jurássico, são os maiores obstáculos.

À luz das sucessivas crises

(da desvalorização do real até a demissão do ex-ministro Clóvis Carvalho), na melhor das hipóteses, FHC conseguirá completar o desmonte do que sobrou da era Vargas.

Uma coisa que, com certeza, não deve ter escapado à observação atenta do leitor é a velocidade com que quadros tuca-nos vêm sendo alijados do convívio mais íntimo do Planalto. Se isso é apenas coincidência, saberemos com o tempo.

Se o atual cenário político e econômico não mudar para melhor, restarão ao eleitor, quando for às urnas em 2002, apenas duas alternativas: voltar ao modelo populista, com a eleição de um candidato de direita ou de esquerda, conforme as circunstâncias do contexto, ou então forçar, por meio da mobilização

da sociedade e das alianças políticas, o surgimento de um candidato com o perfil de desenvolvimentista moderno.

Em qualquer uma dessas hipóteses, caberá ao PSDB jogar um papel decisivo, já que nenhuma das agremiações políticas com cacife para lançar candidaturas tem densidade eleitoral para eleger seus candidatos sem receber apoio de outras siglas. As alianças que o PSDB fizer determinarão o perfil com o qual o presidente Fernando Henrique passará para a história.

As eleições municipais do próximo ano tornarão mais claras as possibilidades dessas alianças para 2002 e recolocarão em primeiro plano, as expectativas de realização das reformas necessárias para acelerar o desenvolvimento do País. ■

* Presidente da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB) e da Fundação Brasileira de Marketing (FBM).